

AS CONTRIBUIÇÕES DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA A FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA FOZ DO VILA NOVA

THE CONTRIBUTIONS OF TEXTUAL GENDERS TO THE FORMATION OF THE SMALL READER IN THE EDUCATION OF THE FIELD AT THE MUNICIPAL SCHOOL OF BASIC EDUCATION FOZ DO VILA NOVA

Clediane Viana Gonçalves¹
Vitória de Cássia dos Santos Veras²

RESUMO: Este artigo tem o intuito de apresentar as contribuições do gêneros textuais para formação do pequeno leitor na educação do campo como facilitador no despertar ao gosto pela leitura do educando, bem como refletir sobre as contribuições do uso dos gêneros textuais na prática diária da leitura de uma educação que conta com pouco recursos didáticos e pedagógicos no desenvolvimento da aquisição no ato ler nas escolas. Sendo que as atividades com uso dos gêneros textuais permitiu perceber a participação efetiva dos educandos nos momentos de leitura e exposição oral em sala de aula. Desta forma o desenvolvimento do trabalho com os gêneros textuais possibilitou a confirmação que é possível desenvolver o gosto pela leitura em qualquer escola independentemente onde esteja inserida, as crianças precisam ser estimuladas com materiais que possibilitem a desenvolverem estratégias e habilidades para seu desenvolvimento leitor, pois, estão em uma fase de grandes descobertas e a leitura lhe permite a muitas aventuras e diversão em seu mundo imaginário.

Palavras-chave: Educação no campo. Gêneros Textuais. Aprendizagem.

ABSTRACT: This article aims to present the contributions of the textual genres to the formation of the small reader in the field education as a facilitator in the awakening to the learner reading taste, as well as to reflect on the contributions of the use of the textual genres in the daily practice of reading a textbook. education that has little didactic and pedagogical resources in the development of reading acquisition in schools. The activities with the use of textual genres allowed us to perceive the effective participation of students in reading and oral exposure in the classroom. Thus, the development of work with textual genres made it possible to confirm that it is possible to develop a taste for reading in any school regardless of where it is inserted. Children need to be stimulated with materials that enable them to develop strategies and skills for their reader development. They are in a phase of great discovery and reading allows you to enjoy many adventures and fun in your imaginary world.

Keywords: Education in the field. Textual genres. Learning.

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem torna-se um processo de evolução do ser humano, onde ler e escrever são duas aquisição na aprendizagem da alfabetização e letramento nas instituições de ensino “a leitura de mundo antecede a da escrita”, esta afirmação segundo o conceito de autores como Ferreiro (1985) e Freire (1996), evidencia que o desperta pelo gosto de ler é uma habilidade que faz parte do nosso dia-a-dia, a descoberta do prazeroso ato ler pelos alunos

¹ cviaagoncalves@gmail.com

² cassia.veras@gmail.com

nas escolas não se manifesta como tarefa tão simples como pode ser julgada. Ler, decifrar os signos do alfabeto, juntar as palavras e sentenças, construir significados, estabelecendo compreensão do que se diz ao que se fala, e ao pensar forma a leitura.

A leitura nas escolas da zona rural está caminhando a passos curtos, mais percebe-se que já se pensa em uma educação igualitária para uma sociedade tão desigual, com poucos recurso e quase nenhum para o espaço do universo dos gêneros textuais e literário, e a educação do campo vem vencendo barreira descontínua de se ter uma pequena sociedade letrada e leitora Lajolo & Zilberman (1996), está por sua vez classificaram a leitura em dois tipos: a recreacional, que permitia ao leitor prazer e satisfação, e a profissional, com o objetivo de absorver novas funções no desenvolvimento labutar e escolar.

A leitura como fundamental para a formação de um indivíduo crítico e autônomo, e este como processo de aprendizagem, inicia-se na alfabetização, e se estende para os outros graus de ensino, permitindo que o indivíduo tenha melhor interação com o mundo. Segundo Paulo Freire no livro “A importância do ato de ler” em três artigos que se completam, existem duas formas básicas de conhecer a leitura do mundo e a leitura da palavra. “A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo” Freire (1987).

Portanto para quebra o paradigma de uma sociedade de analfabeto funcional precisa-se proporcionar aos educando um ambiente acolhedor, convidativo e motivador no despertar o gosto pelo mundo mágico da leitura com os diversos gêneros textuais e assim transcendendo a leitura das palavras como propõem Freire em suas sábias palavras. É inquestionável a responsabilidade da leitura em uma educação de qualidade, mas as evidências interferem na qualidade do ensino, e se estabelecem pelas estatísticas, pois apontam que diversos alunos saem do ensino fundamental e médio sem essa habilidade, o domínio de ler, escrever e interpretar.

Assim, o papel da escola é planejar, desenvolver e administrar atividades e projetos, de superação das limitações relacionadas à dificuldade de leitura. E por ser uma atividade de suma importância a vida escolar de qualquer aluno que futuramente será um acadêmico, à leitura por obrigatoriedade deve ser executada com responsabilidade coerências e ludicidade, porém, o que se vê são alunos ingressando nas universidades com sérios problemas de interpretação, coesão, e coerência e com o educando da educação do campo essa realidade é gritante por não terem um contato efetivo com o mundo da leitura, onde a maioria deles a

escola é o único lugar que possibilita essa inserção e interação de leitura, daí a instituição escolar tem um papel primordial de garantir espaços e momentos a leitura para esses educandos. Por isso, convém-se iniciar um trabalho desde a educação infantil para dar suporte no processo ensino aprendizagem dos alunos que possuem dificuldades no seu aprendizado e no ato de ler.

1.1. Aprendizagem com o uso dos gêneros textuais

Os inúmeros textos orais e escritos que circulam diariamente na sociedade atual, apresentam características estáveis que se apresentam em diferentes gêneros textuais e podem ser identificados por aspectos próprios, portanto o gênero textual propicia alguma forma de aprendizagem, relacionada a competência linguística e em seguida a verbalização oral do educando, dessa maneira a ampliação do conhecimento a respeito do próprio gênero e como o mesmo exercesse o sua função social.

Para Castanheira Trabalhar considerando múltiplos usos e funções da escrita na sociedade potencializam as possibilidades de refletir criticamente sobre as relações que se estabelecem entre as pessoas em nossa sociedade. Quando o aluno consegue diferenciar a história do conto ou de uma fabula de um bilhete percebendo as diferenças em suas texturas e entonação de leitura é porque entende que por mais que sejam escritos exercem função social diferentes.

Esse exemplo serve para qualquer outro gênero a sua importância se torna mais eficaz quando o aluno se faz usuário em sua prática do cotidiano, e melhor ainda quando consegue discernir sua funcionalidade no dia a dia, sendo na escola, supermercado, igreja, praça ou em qualquer ambiente social. Segundo Castanheira, Maciel e Martins (2007, p.15-16)

Ao interpretar e produzir textos escritos em diferentes gêneros, o aprendiz é levado a se indagar sobre quem escreve e em que situação escreve; o que se escreve; a quem o texto se dirige e com que intenções; quais os efeitos que o texto procura produzir no leitor, etc. Essas indagações favorecem a compreensão de como as relações sociais são representadas e constituídas na e por meio da escrita.

O autor enfatiza que ao produzir um texto precisa se refletir para que se está escrevendo e como será seu uso na sociedade, pois, sabe-se que o ensino na prática de leitura e escrita com o gênero textual se tem um resultado muito satisfatório, uma vez que oportuniza o aluno ter contato com uma diversidade de texto, ou seja, os diferentes gêneros textuais que circulam em todo âmbito social, muitos os escritores defendem que o contato e leitura dos diversos textos tem que ocorrer na educação infantil, pois, muitas crianças já chegam nas

instituições reconhecendo muitos gêneros mesmo sem saber ao certo a sua função, portanto cabe a escola dar continuidade dessa aprendizagem, fazendo da sala de aula um laboratório experimental de novas descobertas do universo literário na escola, para o autor.

A escola, naturalmente, precisa fazer os alunos verem que eles falam não de uma única maneira, mas de várias, segundo o dialeto de cada um, e que, se todos escrevessem as palavras como as falam e fizessem uso das possibilidades do sistema de escrita como quisessem causaria uma confusão muito grande quanto à forma de grafar as palavras e isso dificultaria em muito a leitura entre os falantes de tantos dialetos. Por isso, para facilitar a leitura, a sociedade achou por bem decidir em favor de um modo ortográfico de escrever as palavras, independente dos modos ortográficos de escrever, de falar, para todos os dialetos e assim todos pudessem ler igualmente. (Silva, 1994, p.35).

Nas comunidades ribeirinhas se ouvi contar muitas histórias de pescador que são as lendas, e também os ditos populares que chegam com frequência mencionadas nas falas das crianças, daí a se faz necessário que o professor tenha um planejamento pautado na realidade das comunidades rural, se apropriando dos saberes dos alunos para facilitar o processo do ensino aprendizagem na abordagem local, cultural e na vivencia do aluno sem deixar de apresentar ao educando o mundo desconhecido de sua realidade.

“Faz necessário criar na sala de aula um ambiente alfabetizador havendo um canto ou espaço de leitura” essa pratica é muito comum nas escolas da zona rural tendo em vista que as instituições na sua maioria não possuem biblioteca ou sala de leitura, no cantinho de leitura a criança possa encontrar não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha a escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, panfletos, gibis, cartas, bilhetes, cardápio, embalagens de medicamentos etc.). “Quanto mais variados esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças para que o professor, ao lê-los em voz alta, dê informações sobre o que se pode esperar de um texto” em função da categorização do objeto que veicula.

1.2. Os pequenos grandes leitores de hoje

Sabe-se que nos dias atuais, ninguém ousa questionar a importância da leitura na sociedade, considerando-a a mola mestra do processo de ensino e aprendizagem, porém a formação desse leitor parece ainda não ter sido compreendida. Sobre esta questão Cagneti (2013, p. 23), alerta que, embora pareça:

[...] superadíssimo falar de questões pertinentes à leitura [...] é preciso pensar em outras questões. Principalmente no que seja ler. Conforme Jean Foucambert, uma coisa é ser *alfabetizado*, outra é ser *leiturizado*, o que significa ser leitor/sujeito de

um texto, ser coautor do material lido, ser conhecedor dos seus limites, enquanto leitor, e não apenas um decodificador do objeto escrito (grifos do autor).

Leitura pressupõe, busca de informação, por isso aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas sim numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ler é sair do lugar comum. Quem lê expande seu horizonte descobre os parâmetros da realidade e os ultrapassa. Descobre, portanto o poder da imaginação.

Neste contexto, os gêneros textuais e o livro literário poderá ser um dos diferenciais para a busca de uma leitura mais competente, pois traz consigo um diálogo interno, que envolve tempo e espaço diferentes do aqui e agora, é lacunar, muitas respostas não estão explícitas e ainda provoca diferentes pontos de como comenta o autor.

[...] o leitor atual, convidado a entrar na literatura e a impregná-la com suas verdades e modos particulares de interpretação, precisa cada vez mais de uma competência leitora. [...] A literatura infanto-juvenil, [...] vem pedindo ao leitor uma atitude de complementação, associação, recriação e redimensionamento, a partir dos próprios pontos de vista, do procedimento dos vazios propositais que dependerão das novas leituras que cada um será capaz de encontrar e fazer. (Cagneti, 2013, p. 12).

Dessa forma, os textos literários que faz parte dos gêneros textuais manifestam por meio da ficção e da fantasia um saber sobre o mundo e oferecem ao pequeno leitor do campo um universo para interpretá-lo, eles dão conta de uma tarefa que está voltada a cultura e ao conhecimento do mundo e do ser, fornecendo ao leitor condições para compreender seu mundo interior, além de promover uma concepção autônoma e, portanto crítica da vida exterior. Gregorin Filho (2009, p. 48), a esse respeito, ressalta que:

Neste início de século, o leitor não se contenta em apenas ler os textos; mesmo quando os dois estão em movimento, ele procura a sensação de participar de sua confecção, de interagir com diferentes textos. As novas tecnologias construíram os textos hipermidiáticos, o leitor se confunde com o autor e navega num mar de textos virtuais.

O trabalho com leitura através dos gêneros textuais contribuirá para a formação do leitor desinibido e competente, à medida que aborda o mesmo tema, a partir de pontos de vista, épocas, valores e procedimentos/gêneros literários diferentes. Contudo, o professor deve sempre considerar para o trabalho voltado à leitura os diversos tipos de destinatário, ou seja, os diversos tipos de leitores. Segundo o autor os leitores são classificados como:

- a) *pré-leitor*: aquele indivíduo que ainda não tem a competência de decodificar a linguagem verbal escrita; [...]

- b) *leitor iniciante*: o indivíduo começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal, ou seja, começa o letramento; [...]
- c) *leitor em processo*: fase em que a criança já domina o mecanismo da leitura; [...]
- d) *leitor fluente*: é a fase em que se consolida o domínio dos mecanismos que o ato de ler envolve, além de haver mais capacidade de compreensão do universo contido no livro; [...]
- e) *leitor crítico*: fase de total domínio do processo de leitura, pois o indivíduo já estabelece relações entre o micro e macrouniversos textuais, além de entender os processos de semioses especiais presentes no texto; [...] (grifos do autor). Gregorin Filho (2009, p. 45-46).

Evidentemente, esta classificação não comporta muitas variantes que envolvem o desenvolvimento e aprimoramento do leitor, mas servem de base para a seleção de materiais suportes para leitura e definição de procedimentos metodológicos que considerem a maturidade do leitor. A partir daí montar o gênero textual que de suporte no desenvolvimento da leitura do educando, de maneira que o mesmo não estagne em seu processo evolutivo da leitura e interpretação cada indivíduo apresenta uma dificuldade de aprendizagem diferenciada, portanto a diversidade dos gêneros textuais possibilita o professor uma ferramenta individual para cada aluno nesse processo.

2. METODOLOGIA

O estudo baseou-se no método de revisão bibliográfica, onde procurou-se através da análise dos conceitos e fundamentos dos requisitos e da evolução diante a temática, livros, artigos (Fontes: Google Acadêmico, revistas científicas como: Revista Educação e Realidade, Revista Eletrônica de Pedagogia), todos relacionados ao tema **As contribuições dos gêneros textuais para a formação do leitor na educação do campo da Escola Municipal Foz do Rio Vila Nova**: um estudo de caso com alunos do 3º Ano da Escola Municipal Foz do Rio do Vila Nova, com processo de observação (percepção do ambiente “escola” e comportamento “alunos da escola”) ainda com a intervenção diante a aplicação de questionários semiestruturados com perguntas fechadas, aplicados a coordenação pedagógica, ainda aos docentes e discentes.

A **Escola de Ensino Municipal Foz do Rio Vila Nova**, fica localizada na zona rural à margem do Rio Vila Nova na comunidade Foz do Rio Vila Nova no município de Santana no Estado do Amapá. Mantida pela Prefeitura Municipal de Santana e administrada pela Secretaria Municipal da Educação, a sua base maior de funcionamento é seu Projeto Político Pedagógico, tem seu número registrador do INEP 16004620, funciona com 92 alunos matriculados desde do primeiro ano da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental de nove anos e está em funcionamento desde o ano 1976.

Hoje a instituição conta com sete salas de aulas, um refeitório que serve também como área para a recreação e jogos, uma cozinha, dois banheiros feminino e masculino, uma sala que funciona como secretária e diretoria e uma sala do AEE. Na gestão atual conta com o senhor José Maria Ferreira, a secretária Alrinete Silva de Souza, a pedagoga Nelci Gonçalves, a escola conta ainda com cinco catraieiros, dois vigias, uma merendeira uma pessoa de apoio e uma cuidadora, a escola funciona no turno da manhã tarde nos dia segunda quarta e sexta desenvolve-se o programa mais educação, todos os alunos utilizando o transporte fluvial.

A escola conta com trabalho pedagógico e acompanhamento às crianças com necessidades especiais e desenvolvimentos de vários projetos como: Projeto da Páscoa, do dia do Índio, do dia das Mães, do dia dos Pais, da Família, do dia das Crianças, O natalino, mas o que é mais mobilizado tanto pela escola quanto pela comunidade é o da Pátria, pois, esse é realizado com um desfile fluvial, contando com o transporte escolar e dos ribeirinhos que fazem questão de enfeitar seus transportes e saem da frente da escola cantando o hino nacional com fervor em todo o trajeto.

Tabela – 1 Demonstrativo de alunos matriculados por turma

	Turma	Quant. Alunos
TURNO MANHÃ	1º Período	10
	2º Período	12
	1º Ano	15
	2º Ano	10
	3º Ano	19
	4º Ano	12
	5º Ano	13

Fonte: Clediane Viana

Para pesquisas bibliográficas Lakatos e Marcone (2003), afirmam que com essas investigações é que se constroem pensamentos reflexivos para o pensamento da análise científico e em sequência a pesquisa de campo Goldenberg (1998), caracteriza como uma profunda e exaustiva investigação dos objetos em estudo, permitindo o seu amplo e detalhado conhecimento de forma mais concreta.

Depois da revisão bibliográfica e já com autorização do gesto da instituição realizou-se as outras etapas.

No segundo momento foi elaborado do projeto para execução na escola Foz do Rio do Vila Nova, o ofício de autorização para a realização da pesquisa ao gestor da Escola Municipal Foz do Rio Vila Nova prestando os devidos esclarecimentos em relação aos objetivos da pesquisa.

No terceiro momento com autorização concedida pelo gestor deu-se início a execução de investigação, nos ambientes da instituição, a observar a estrutura física, os aspectos técnicos pedagógicos. Na sequência realizou-se a aplicação dos questionários com perguntas abertas e fechadas. Sendo um para o gestor e a pedagoga, a docente da turma e dezoito para os discentes. Lembrando que os questionários de cunho quantitativo-qualitativo, foco de questão da indagação buscando obter informações relevantes, na intenção de detalhar os resultados de forma imparcial.

No quarto momento realizou-se a tabulação dos dados coletados, sendo que obtém-se cem por cento (100%) de êxito quanto a devolução dos questionários entregues (gestor, coordenadora pedagógica/docente e discentes). Isso remeteu tranquilidade aos investigadores, percebendo o compromisso e a responsabilidade dos envolvidos em participar da pesquisa.

3. RESULTADOS

O uso dos gêneros textuais na aprendizagem é sabido que para formação de alunos leitores devem acontecer diariamente no âmbito escolar momentos favoráveis a inserção da leitura, e diante desse desafio a escola Foz do Rio Vila Nova insere no seu processo do ensino os gêneros textuais desde das educação infantil, mais é a partir do primeiro ano do ciclo de alfabetização torna-se desafiadora a medida que se explora a função educacional do texto literário como ferramenta de aprendizagem, tais livros como de contos, fabulas, gibis, receitas culinárias, ficção, poesia, lendas, panfletos, leituras de imagens e muitos outros na proposta

de desenvolvimento e construção do conhecimento, tendo como sustentabilidade o envolvimento do apreender de forma lúdica, encontrando, assim mecanismo de domínio da linguagem.

A leitura em conceituação entendida como universalização da intelectualidade da sociedade, mesmo que complexa diante ao seu processo e sua abrangência de construção, esta leitura não sucinta ao mero acaso da descoberta da decodificação dos símbolos gráficos, segundo o dicionário Aurélio (1988, p.390).

Leitura, em Aurélio é: 1. Ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério

Dessa maneira de faz necessário planejar e organizar ações de leitura, interpretação de diferentes gêneros textuais, com o intuito de incentivar o aluno da escola do campo a praticar diariamente a leitura de forma ativa e autônoma já que, a maioria deles, só consegue na escola terem uso da leitura para que possam interagir em diferentes contextos sociais onde essas práticas são importantes e necessárias. As práticas sociais da leitura acontecem de várias maneiras e a partir de diferentes necessidades, como enfatiza Foucambert (2008, p. 63)

Ler é antes mesmo de procurar informação, ter escolhido a informação que se procura. Ler, quer se trate de um jornal, de um romance, de uma bula, de um poema, de um relato de experiência, da legenda de um filme, de um mapa, ou de uma peça de teatro, trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior do projeto. Pode-se discutir o valor do projeto, mas isto posto, a leitura é uma: trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar.

Na educação do campo a instituição escolar se torna a preciosa em proporcionar com o uso dos gêneros textuais o ensino e aprendizagem da leitura. Como afirma Foucambert (2008, p.16).

As aprendizagens existem sem ensino, e o ensino existe sem escola, mas a escola seria preciosa se conseguisse ajudar todas as crianças nas suas aprendizagens. Assim, a aprendizagem da leitura é um processo cuja origem é independente do ensino e que prosseguirá quando o ensino tiver cessado.

Certamente a aprendizagem ocorre em todas as fases e momentos da vida, porém o que a escola oferece é o ensino do saber sistematizado, aquele que seria difícil o educando aprender sozinho e que cumprindo esse papel, a escola cumpre uma de suas funções sociais.

A leitura solidificada a interpretação do olhar de quem a desvenda, no contexto de sua realidade e experiências, assim envolver o sujeito leitor com produções escritas dispostas as questões culturais, políticas, sociais e históricas. É com essa perspectiva que instituição

trabalha no processo de ensino aprendizagem e tem muito êxito em suas metas no despertar o gosto a leitura e assim desenvolver os pequenos leitores, com atividades de cunho literário na sala de aula, utilizando as histórias infantis como caminho para o ensino multidisciplinar.

Nesta investigação, atentou-se para análise como os alunos vivenciam as práticas do uso dos gêneros textuais na escola, percebe-se que os mesmos vivenciam diariamente de uma maneira simples mais de grande relevância em sua aprendizagem tanto nos conteúdos das disciplinas quanto a leitura e projetando juntamente com a tabulação dos resultados dos questionários aplicados na Escola de Educação Municipal Foz do Rio Vila, precisamente nas turmas (3º ano - manhã), verificou-se principalmente pelas informações colhidas com coordenadora pedagógica o desenvolvimento de atividades propostas em projetos que envolviam a leitura dos educandos.

Desde o período da observação à sistemática nos aspectos físicos do espaço escolar desde da educação infantil, já reportar-se diante a dinâmica de vivência literária e os diversos gêneros textuais no cotidiano escolar dos alunos, onde esse ambiente se dispunha a retratar visualmente os aspectos da linguagem escrita presente nos diversos murais, nos jogos dispostos, cardápio da merenda e ainda na sala de aula a organização com a apresentação nas paredes de textos, nas estantes com a exposição de livros, no “cantinho da leitura” todos bem acessíveis à criança.

O cantinho da leitura é um pequeno espaço no canto da sala de aula onde a professora disponibiliza vários gêneros textuais principalmente livros, revistas, gibis, panfletos, lendas, adivinha e receitas culinárias os alunos tem acesso o tempo todo aos acervos, mas, são nos dias de quarta e sextas feiras que o cantinho é usado para as leituras dirigidas sendo realizada pelo alunos ou pela professora, escolhidas de maneira democráticas em votação, é muito interessante, pois, todos participam e ficam esperando pelo momento da leitura.

A leitura é um tema bastante discutido quando se fala em processo de ensino/aprendizagem, tanto que nas próprias leis vigentes no país existe respaldo legal, e na intenção de compreender a relevância buscou-se a narrativa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (LDBEN), onde a mesma afirma Brasil (1996).

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A língua seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete a hierarquização, pois se espera qualidade conforme o nível de escolaridade, a qual você está inserido. Em relação à investigação notou-se nos resultados dos questionários direcionados a professora e coordenadora pedagógica, as duas profissionais participam de formação continuada ofertada pela secretaria Municipal de educação e governo federal o PINAC, que ajuda nas dinâmicas do planejamento e na construção das atividades que envolvam a alfabetização e letramento. Ressalta-se que tanto a professora da turma como a pedagoga possui o nível superior na área pedagógica, as mesmas desenvolvem suas atividades na escola há mais de um ano, e realiza planejamento quinzenal com os docentes da escola, no turno da tarde.

Ainda relatou que a escola possui os cantinhos de leitura em cada turma, pois, as escola não possui biblioteca, por esse motivo cada educador constrói junto com os alunos um espaço denominado de cantinho de leitura para fomentar o gosto pela leitura.

Educação no campo um direito de todos nos últimos anos já se ouve falar sobre a educação no campo como um direito subjetivo evidenciado em todo o mundo. Confirmando isso temos a Declaração de Jomtien de Educação para Todos (1990), e como não podia ser diferente nosso país é signatário, colocando a política educacional, a política social e seu desenvolvimento como elementos fundamentais na construção de uma sociedade democrática e nem sempre justa para com um povo que lhe falta quase tudo e muitas vezes seus direitos são negados sendo forçados a uma labuta diária para garantir o que já é de direito. Essa luta é por uma educação organizada, diferenciada construtora da cultura dos povos e construída por uma cultura pautada e originada no campo valorizando suas raízes e manifestações culturais locais e regionais defendendo o que cada comunidade pode perpassar de geração a geração.

Em nosso país os movimentos sociais lutaram muito para garantir o direito universal à educação especialmente dos trabalhadores e trabalhadoras da educação pública nas esferas federal, estadual e municipal, tendo como referência a Constituição de 1988, e mais recentemente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9394/96, como marco legal nesse processo de afirmação da educação no campo dos direitos humanos e sociais.

Muito se fala que zona rural é identificada como espaço diverso e rico no que diz respeito a manifestações culturais e produção de renda familiar, é essa capacidade produtora de cultura que o constitui em espaço de criação do novo e do criativo, mas, muitos a vejam como lugar de atraso pobreza e desigualdade social, não deixa de ser um pouco verdade, pois,

nossos representantes políticos não trabalham políticas voltadas para essa população que vota e os elege também, podemos nos deparar com ambientes sem infraestrutura sendo chamados de escolas, e quando se tem prédio adequados falta merenda, materiais didáticos e até mesmo profissional qualificados para exercer o papel de professor, como se a educação do campo fosse um laboratório experimental, e sabe-se que o maior afetado é o aluno que é a parte mais frágil nessa engrenagem de social, segundo documento final da II Conferência (2004).

Movimentos Sociais, Movimento Sindical e Organizações Sociais de Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo e da Educação; Universidades, ONGs e Centros Familiares de Formação por Alternância; secretarias estaduais e municipais de educação e outros órgãos de gestão pública com atuação vinculada à educação e ao campo; trabalhadores e trabalhadoras do campo, educadoras e educadores, educandas e educandos de comunidades camponesas, ribeirinhas, pesqueiras e extrativistas, de assalariados, quilombolas e povos indígenas.

Depois de muitas lutas com reivindicações nos movimentos pode-se compreender que essa educação é um grande processo formativo que se desenvolve no âmbito familiar, no trabalho, nas manifestações culturais e religiosas, na convivência humana nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil tendo como base finalidade na educação básica o desenvolvimento do educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (Art. 1º, 22 e 26, LDB 9.394/96). (Grifo nosso). A essa compreensão da Educação, da Educação Básica e do Currículo soma-se a compreensão de acordo com as diretrizes operacionais, Art 2º, parágrafo único.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva.

A educação desenvolvida na zona rural tem que ter em sua base curricular leva em consideração a vivência das comunidades, suas crenças e costumes, pois, as possui sua própria identidade, garantindo seus direitos e suas culturas sejam respeitadas e valorizadas. Contudo precisa considerar os saberes acumulados pelas experiências de vida dos educandos

e educandas e constituir-se instrumento de observação da necessidade a partir dos quais estes saberes precisam ser ampliados.

O movimento pela educação do campo e toda a articulação das entidades, movimentos e das experiências contribuíram para a aprovação, em 2002, pela Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Nestas Diretrizes Art. 2º, parágrafo único a identidade da Escola do Campo é

definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva.

As Políticas de educação no campo como formação humana é o processo educativo que possibilita ao sujeito constituir-se enquanto ser social responsável e livre capaz de refletir sobre sua atividade, sendo capaz de ver e corrigir os erros, capaz de cooperar e de relacionar-se eticamente com o outro, assegurando assim direitos conquistados através de muitas lutas dos movimentos e associações.

E que o educando dessa educação possa ter opinião própria e assim conquistes seus espaços na sociedade tanto no que diz respeito ao cultural como o profissional, para um grupo social que muito já conquistou e ainda é discriminado, precisa vencer os preconceitos com esforço e determinação através da educação.

Portanto o currículo da educação do campo vem se consolidando levando em consideração às especificidades e aos processos produtivos e culturais dos sujeitos que vivem no campo, portanto, o uso do gêneros textuais no desenvolvimento do leitor em seus diversos níveis deve considerar a elevação dos padrões cognitivos e a melhoria das condições escolares. Fagundes afirma que a escola é instrumento fundamental na construção de uma sociedade, e a mesma deve respeitar e responder às necessidades dos sujeitos, independente da sua realidade, a mesma tem que possibilitar, potencializar e o desenvolvimento integral e o crescimento dos alunos em todas as dimensões Segundo Muller e Klock apud Fagundes (2013).

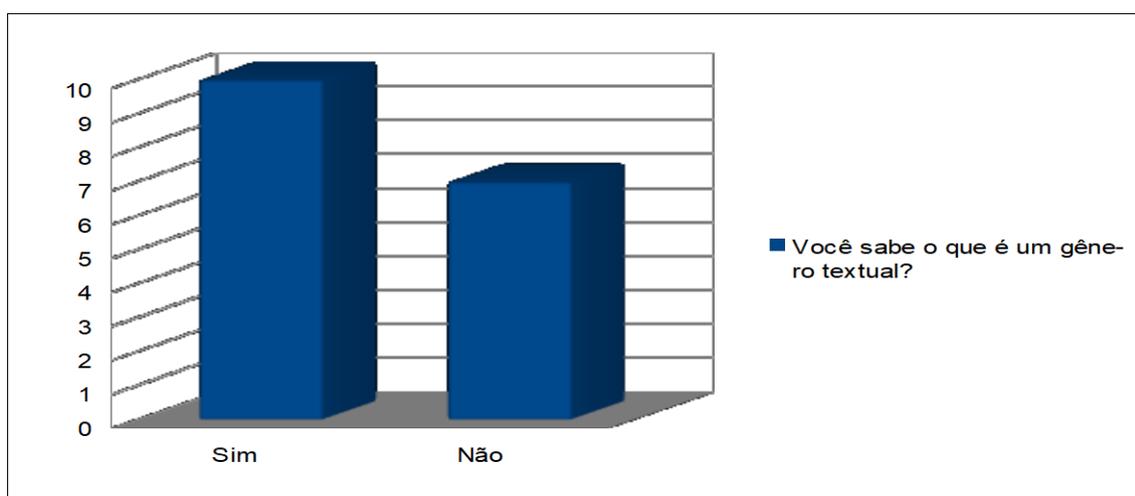
A escola deve respeitar as raízes culturais dos educandos, raízes essas que ele adquire com a família, amigos ou com a participação num determinado grupo social. [...] os cursos de formação de professores, de uma forma geral, não tem uma preparação específica para formar um educador pronto para atuar nas escolas do campo (até porque nunca se fica pronto), mas é necessário pelo menos ter uma

afinidade com o conhecimento destes educandos e estarem prontos para aprender com eles. [...]

Portanto o educador da educação do campo deve ter articulação para trabalhar com as várias áreas do conhecimento que permeiam esta realidade, e precisa estar preparado para contextualizar sua disciplina a este meio, assim, como proporcionar uma forma de trabalho que possibilite ao aluno ser sujeito de sua história, compreendendo e transformando o sua realidade.

A escola Municipal de Educação Básica Foz do Rio Vila Nova vem trabalhando o ensino aprendizagem levando em consideração a realidade dos alunos promovendo uma educação para o desenvolvimento no despertar pelo gosto da leitura do pequeno leitor.

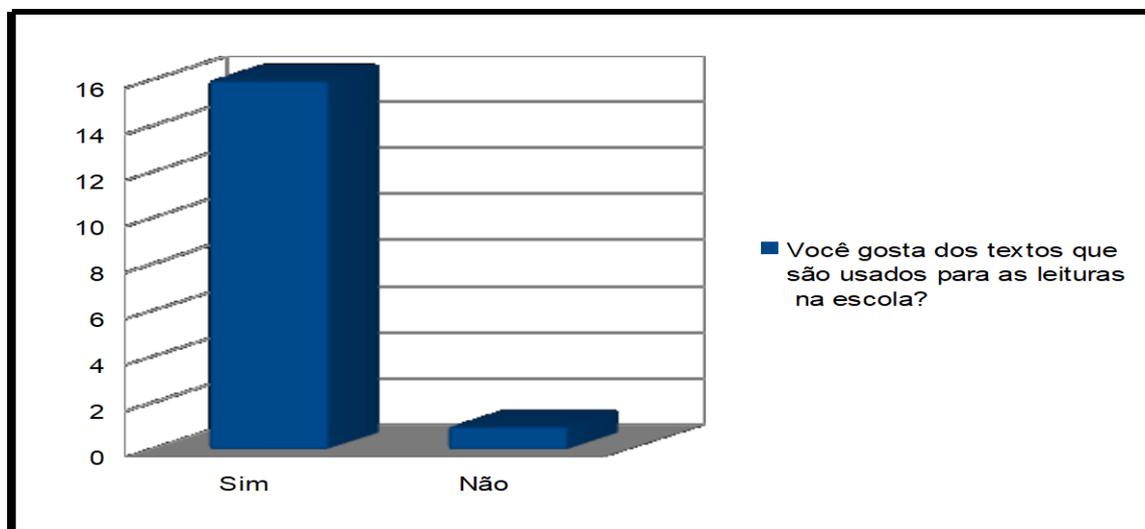
Figura 1 Demonstrativo do grafico que enfatiza se os alunos da escola conseguem identificar os gêneros textuais.



Fonte: Cleliane Viana Gonçalves/ Santana/ AP 2017

Observa-se que os alunos tem o contato direto com os diversos tipos de textos e fazem uso do mesmo para aprenderem não somente a ler mais na construção da escrita no desenvolvimento da oralidade a escola consegue usar os gêneros textuais como um suporte pedagógico.

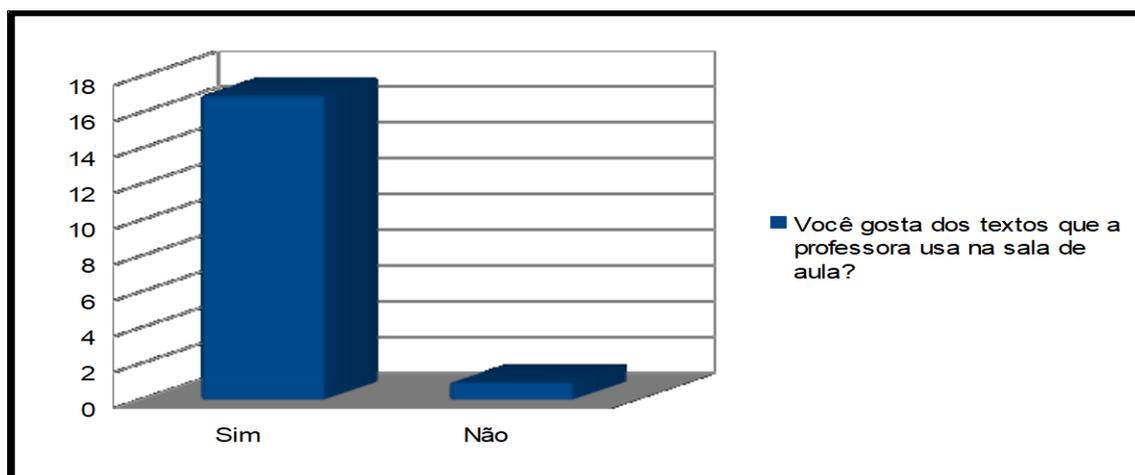
Figura 2. Demonstrativo do uso dos gêneros textuais na escola e a opinião sobre o gosto dos educando segundo seu uso.



Fonte: Clediane Viana Gonçalves/ Santana-AP 2017.

A escola Foz do Vila Nova ao perceber as dificuldade de aprendizagem dos alunos na prática da leitura e escrita fez com quer a mesma repensassem no ato do ensinar, daí surgiram ideias pedagógicas para subsidiar o professor e uma delas que está dando certo é o uso dos gêneros textuais.

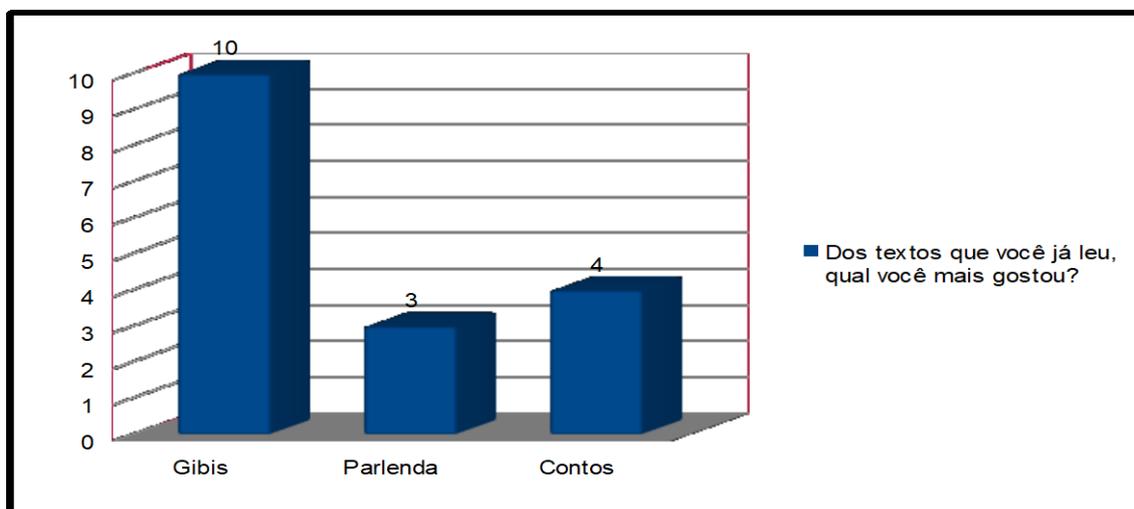
Figura 3. O gráfico demonstra a opinião do aluno sobre os tipos de textos que a professora usa na sala de aula.



Fonte: Clediane Viana Gonçalves/ Santana- AP 2017.

Segundo as respostas a pesquisa os alunos gostam dos textos utilizados na prática educacional da professora na sala de aula, pois isso vem favorecendo e facilitando o processo ensino aprendizagem formando pequenos leitores.

Figura 4. Demonstrativos dos tipos de gêneros textuais que a professora usa na sala de aula que o alunos mais gostam de ler.



Fonte: Clediane Viana Gonçalves/ Santana- AP 2017.

No que diz respeito os gostos de leitura realizado na turma os dados nos mostram que em primeiro lugar é o gibis, esse dado é interessante, pois, mostra que a boa vontade da professora em comprar os gibis e levar para sala de aula é uma das favoritas da turma, as histórias em quadrinhos contribuem para despertar o interesse pela leitura e pela escrita aos alunos e sistematiza a alfabetização. Como sabemos os gibis em geral unem palavra e imagem, as revistinhas contemplam tanto alunos que já leem quanto os que estão iniciando, pois conseguem deduzir o significado da história observando os desenhos. A curiosidade em saber o que está escrito dentro dos balões cria o gosto pela leitura e, assim, os gibis tem grande eficácia nas aulas, em seguida os contos na fala da professora a mesma enfatiza que as histórias infantis são contos bem antigos que ainda hoje são consideradas obras de arte, onde ela aproveita os contos para trabalhar nos seus alunos os sentimentos como: amor, perda, ciúme, ódio, inveja, frustração, ambição, rejeição e, que são vivenciados pelas crianças e as mesmas compreendem através das emoções e da fantasia e os alunos gostam muito. Os contos são usados como instrumentos para a descoberta desses sentimentos, principalmente os que encantam e recheiam a imaginação dos alunos.

E em terceira opção da turma temos as parlendas, os alunos relataram que gostam o referido gênero textual, pois fazem parte do folclore brasileiro, e muitas vezes são rimas que

torna a compreensão e a memorização mais fácil, tornando-as mais criativas e atrativas que os mesmo usam quase que diário nas cantigas de roda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve por objetivo investigar o uso dos gêneros textuais na formação do pequeno leitor, nos dias atuais vivenciamos com um emaranhado de textos nas diversas formas e tamanhos com informações de todo tipo, mas, me questionava se os alunos da educação do campo, faziam uso dos mesmos, e isso me levou a ir para a escola Foz do Rio Vila nova que segundo alguns comentários o processo de alfabetização vem sendo desenvolvido voltado para formação do leitor.

Sabemos que na zona rural a circulação do texto é menor e muitas crianças não vivenciam com os mesmo em seus lares e as vezes seus familiares não leem e quando sabem ler, dificilmente têm o hábito da leitura por isso a escola deve ser um ambiente favorecedor a leitura e suas práticas, oportunizando os educandos não somente a codificar letras ou textos e sim despertar o gosto do mundo mágico da leitura.

E durante a realização dessa pesquisa podemos constatar que a turma do 3º ano do Ensino Fundamental da escola ribeirinha Foz do Rio Vila Nova veem a cada dia vivenciando momentos de leitura de maneira diferenciada e prazerosa e o melhor proporcionado a criança da zona rural ter contato com universo dos gêneros textuais e literário dando ao aluno a chance do mesmo opinar o que quer ler direcionando a funcionalidade de cada texto.

A conquista de se ter um pequeno leitor deve-se ao trabalho da escola de forma harmoniosa, sabendo os caminhos que deve trilhar para almejar as conquistas das metas traçadas, em consonância de ações e o desejo de seus membros a leitura torna-se ferramenta diante aos mecanismos para a qualidade da educação, priorizar porque quem interpreta compreende o poder que a leitura possui e agrega diante a facilidade para o apreender.

É possível perceber que o uso dos gêneros textuais contribui de uma maneira direta e significativa para despertar o gosto pela leitura, desenvolvendo pequenos e ao mesmo tempo grandes leitores na educação do campo, sendo um grande aliado do processo de aprendizagem.

É necessidade de se ampliar as discussões sobre as contribuições dos gêneros textuais para a formação do pequeno leitor na educação do campo, pois, é quase sempre na escola que os alunos que moram na zona rural tem acesso efetivo da leitura, daí a grande importâncias

das instituições proporcionarem esse despertar nessas crianças, apresentando a eles o mundo mágico da leitura.

Um dos grandes desafios dos educadores na educação do campo é ensinar a leitura para os alunos, mas ensinar não só a decifrar códigos, e sim a ter o hábito de ler. Seja por prazer, seja para ler informe para a família, a prática da leitura aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio, interpretação, estratégias e habilidades na aprendizagem na leitura como na escrita. Infelizmente, com o avanço das tecnologias do mundo moderno, cada vez menos as pessoas interessam-se pela leitura.

É comum algumas crianças dizerem que não gostam de ler, mas, as mesmas só irão desenvolver o gosto por aquisição da leitura se tiverem a oportunidade dessa descoberta, pois, sabe-se que só é possível gostar daquilo que se conhece, nossas crianças da zona rural necessitam ter essa oportunidade e cabe a escola oportuniza-la, para ser um pequeno leitor, no entanto, é tudo uma questão de hábito, de transformar a leitura em prazer.

Este artigo possa colaborar com as pesquisas e estudos realizados através do tema proposto, bem como facilitar a compreensão da fundamental importância dos gêneros textuais no último do ciclo da alfabetização e no processo ensino aprendizagem, também na realização de novos estudos, em busca de novos resultados, principalmente no que diz respeito formação do pequeno leitor.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. O Dicionário. Online de Português, com definições, significados, sinônimos e exemplos de pronúncia de 200 mil palavras. https://dicionariodoaurelio.com/acesso_em_22/julho_de_2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015.

CAGNETI, Sueli de Souza. Leitura em contraponto: novos jeitos de ler. São Paulo: Paulinas, 2013.

CASTANHEIRA, M. L.; F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (org.). Alfabetização e letramento na sala de aula. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2007.

CNE. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Resolução n. 1, de 3 de abril de 2002, Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

FOUCAMBERT, Jean – Modos de ser leitor - Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental – Curitiba: Editora UFPR, 2008.

FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. (Org.). Projeto político pedagógico nas escolas do campo. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e terra, 1987.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LAJOLO, Maria & ZILBERMAN, Regina. A Formação da Leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

MOSTEFAL, Márcia Aparecida Ravanelo & FAGUNDES, Mauricio Cesar Vitória. Educação do Campo: Desafios e possibilidades. IN: FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. (Org.). Projeto político pedagógico nas escolas do campo. Matinhos: Editora UFPR Litoral, 2013.

SILVA, Ademar da. Alfabetização; a escrita espontânea. São Paulo; 1994.